

## Testemunho a propósito do dinamismo de saída da Igreja para as periferias

9/09/2015

### A origem de uma missão de Igreja

Como é que o padre que eu sou se encontrou num tipo de missão que envolve um trabalho profissional no exercício da sua actividade de médico? Mons. Jacques David é o bispo que me ordenou padre em Setembro de 1990. Em 1994, nomeou-me pároco de uma paróquia e pediu-me que procurasse uma inserção profissional como médico. É claro que ele sabia que a missão que me confiava encontrava eco em mim e que respondia a uma aspiração que eu tinha e que ele conhecia muito bem. A Dra. Hélène Chevalier, uma mulher excepcional, estava a organizar uma nova equipa para a Maison Centrale de Sain-Marin-de Ré [um estabelecimento prisional]. Encontrámo-nos e ela propôs-me integrar a sua equipa. Foi assim que, em finais de 1995, assumi as minhas funções de médico na prisão. Integrar um serviço público quando se é padre na França laica não se faz sem levantar questões. Mas passei no concurso nacional, sem nada ocultar da minha situação. Na verdade, nunca senti hostilidade por esta condição. E penso que todos acharam perfeitamente natural que um colaborador médico que é padre católico fosse investido em missões de saúde que têm a ver com pessoas em situações precárias. Porque toda a gente sabe que Jesus está «do lado dos pobres», e que os «seus padres» estejam do «mesmo lado» é o mínimo que se espera deles. Agora estou a tempo inteiro, sem o encargo da paróquia, responsável, por um lado, pela unidade de saúde da prisão e, por outro, pelo centro de adictologia. Os dois bispos que sucederam a Mons. Jacques DAVID empenharam-se em me animar nesta missão e em a confirmar. Na Maison Centrale de Saint-Martin-de-Ré há cerca de 400 detidos, exclusivamente homens.

### Leitura de textos

Gostava de vos propor a leitura de três textos, que não são nem de Victor Hugo nem de Pablo Neruda. Os três autores são detidos. Não vos posso mostrar a fotografia deles nem fazer um vídeo com eles. Há os seus escritos, que vos proponho como ícones e que vos vão fazer entrar um pouco no seu mundo. Vão vê-los.

1<sup>o</sup> texto, do Sr. B., jovem de cerca de 25 anos originário de uma parte anglófona das Caraíbas. Tem um sorriso e uma voz de grande doçura. Usa roupa usada e rota. Faz o esforço de recorrer ao francês para se encontrar comigo e falar comigo. Adivinha-se no seu domínio do francês escrito que o do inglês deve ser igualmente precário. Há a sua identidade. Há a deferência que dá a entender a situação social em que ele me coloca através da formulação e das maiúsculas: «Senhor Doutor». Mais adiante, exprime o seu respeito numa formulação um pouco obscura. Segue-se uma introdução em que a ordem das palavras é mais inglesa: «Esta litter (*lettre*, carta) je écris (*j'écris*, eu escrevo)», a menos que seja para evitar inconscientemente pôr o «eu» em primeiro lugar, ou seja, para evitar pôr-se em primeiro lugar. Isto faz-me lembrar uma passagem do

evangelho: o publicano que reza no fundo do templo e na discrição, enquanto o fariseu reza à frente e em voz alta. Segue-se o objectivo da sua mensagem: «porque eu voulerai (*voudrais* — queria) voir toi (*te voir* — ver-te) trse (*très* — muito) important s' t' plaît (*s'il te plaît* — por favor). Entramos na esfera da intimidade. Passa a tratar-me por tu antes de, mais à frente, voltar a tratar-me por você. Os detidos tratam-se por tu uns aos outros. Tratam por você os vigilantes e os outros intervenientes da prisão. Ele tem, portanto, acesso a esta dificuldade da língua que é o uso do «tu» e do «você». A consulta permitiu tranquilizar este paciente através do exame médico. Permitiu ainda uma conversa em que valorizei o que ele era, de onde vinha, a sua família; e disse-lhe também que era para nós uma honra ele estar a aprender a língua francesa. E agradei-lhe a carta, essa carta que termina com «d'avance à vous en plus je dit merci pour votre réponse» (*en plus, je vous dis merci d'avance pour votre réponse* — além disso, agradeço antecipadamente a sua resposta).

2º texto, do Sr. S., especialista do correio. É mais fácil contar os dias em que ele não nos escreve do que aqueles em que nos escreve. Não pensem que é porque não nos encontramos com ele! Temo-lo com frequência na enfermaria: enfermeira, psicólogo, psiquiatra e médico generalista, quando não é o fisioterapeuta... Ele podia esgotar a equipa, mas não! O Sr. S. é um bem disposto, de aspecto atlético, corpo tatuado e olhos verde claro. Ainda pode fazer desporto, que no passado praticou em grandes doses. Traz sempre um boné enfiado na cabeça. O assunto desta carta vem da sua imensa preocupação, tão imensa que lhe invade todo o campo mental, a respeito da sua libertação. Para conseguir liberdade condicional, tem, no mínimo, de fazer prova de ter uma morada quando sair e de ter um contrato de trabalho! É casado, suponho, pois fala da «sua mulher», logo, tem uma morada, a casa dele. Quanto ao trabalho, tem grande dificuldade em encontrar um, pois o que sabe fazer já não pode fisicamente fazer; cito: «O senhor bem sabe que já não posso ser estivador, operário ou fazer trabalhos pesados aos 53 anos, destruído como estou», «fui estivador, trabalhei em transporte de mudanças, fui paraquedista, etc.». Enumera as suas deficiências físicas e os seus males. Gostaria de conseguir uma pensão para deficiente adulto, que já lhe foi recusada. Pensa que estas diligências lhe prestam um mau serviço. E que sou eu o responsável, pois sou o autor do atestado médico. Confunde-me (para efeitos de retórica, porque sabe muito bem que isso é falso) com o organismo regional que se ocupa das pessoas deficientes. Reclama-me um «relatório justo». Julga-me capaz de justiça e de justiça! Apesar da veemência deste paciente em alguns aspectos, há uma certa confiança. Ele tem de aceitar que se argumente também com as suas dificuldades psíquicas. E isso representa para ele uma verdadeira «conversão». Esta «conversão» surge gradualmente numa verdadeira experiência de humildade neste homem que tem de descobrir que não se perderá por admitir que sua deficiência não é apenas física. É toda a relação com a imagem de «durão» que ele teve de si próprio e que a sociedade lhe devolveu que se modifica neste momento. A saída da prisão e esta mudança de relação consigo mesmo vem reforçar a ansiedade de uma pessoa já psiquicamente frágil. «Se o

senhor me disser que estou de boa saúde, eu não volto a pôr um pé na sua enfermaria». Ele sabe bem que não é isso que eu penso. Ele conta com todos nós como equipa para não o deixarmos neste momento de profunda mudança para ele.

3<sup>o</sup> texto, do Sr. M. Francês de origem argelina, escreve esta carta de agradecimento à equipa da unidade de saúde («UCSA») aquando da sua transferência para outro estabelecimento prisional. Nela o Sr. M. fala do «nosso profissionalismo, da nossa simpatia e da nossa paciência para com ele» e «do facto de termos estado presentes quando ele estava doente». Resume numa formulação perfeita o que se pode esperar de uma relação de qualidade entre pessoas humanas. Com essa noção de segurança que o rigor e a competência profissional transmitem. Manifesta a todos o seu respeito: «um grande respeito por todos vós, pelo doutor Ferret e pelos dois vigilantes UCSA». Sem noção de hierarquia, com o sentimento de ter sido apoiado por uma equipa que partilha a mesma ética de relação. Noto o seu rigor sintático e a sua ortografia quase perfeita. Noto ainda a sua contenção na expressão dos seus sentimentos. Reconheço-o bem aí!

### **Um padre nesta situação**

Já perceberam que sou uma pessoa a quem é dado estar no centro de situações humanas complexas, muitas vezes trágicas e dolorosas, em que me é dado levar «o amor» e recebê-lo procurando manter o rumo de uma filosofia do encontro que se baseia na palavra de Jesus: «Que queres que eu faça por ti?». Ou seja, que deixa a palavra ao outro e que respeita a sua palavra, uma palavra aguardada e esperada. E sou testemunha de que a alegria nasce dessa qualidade do encontro. Todos sabemos que a vida, o cansaço ou o pecado prejudica este tipo de ideal. E também eu faço a experiência disso. Já perceberam que este tipo de aventura não se vive sozinho. Vive-se em equipa e com colegas, isto é, com pessoas que, embora no campo profissional, têm também as suas interrogações pessoais e as dificuldades e alegrias da sua vida pessoal ou familiar. Conversas que vão «mais longe», a celebração de um casamento, de um baptismo, de um luto... Essas pessoas podem encontrar em mim um interlocutor da Igreja que se aproximou delas partilhando o que elas vivem no trabalho. Uma jovem psicóloga troça delicadamente de mim retomando uma das minhas expressões favoritas: «mas isso é uma bênção!». Ela ousa comigo a impertinência amigável a respeito do que descubro de novo na mentalidade dos jovens adultos na relação que estabelecem entre o campo profissional, o privado e o espiritual. Percebo, através destas relações, a receptividade às coisas espirituais, se não cristãs, que as gerações mais jovens podem ter. E de que nos damos conta se partilhamos as mesmas missões e as suas lutas. Os meus irmãos padres esperam que lhes faça eco do que vivo. Temos um pequeno grupo de trabalho sobre o ministério no encontro com pessoas que vivem mais situações de fragilidade e de precariedade. O apoio das irmãs clarissas vai ao cerne do que é importante: a contemplação da obra de Deus, cujo amor que habita Jesus Ele próprio revela.

*Padre Jean-Luc FERRET*